

## IDE OU INDO? IGREJAS MISSIONAIS E O USO DO PARTICÍPIO NA GRANDE COMISSÃO DE MATEUS 28.19

*Chun Kwang Chung\**

### RESUMO

O verbo πορευθέντες sempre foi traduzido por “ide”, no imperativo, nas versões da diversas sociedades bíblicas. Recentemente isso tem sido questionado, sendo substituído por “indo” (gerúndio) e gerando implicações missiológicas fundamentais para o entendimento da Grande Comissão. Essa interpretação tem sido popularizada pelos proponentes dos ministérios de discipulado nas igrejas e pelo movimento de igrejas missionais. O presente artigo busca reiterar que os tradutores estavam corretos ao traduzir o particípio πορευθέντες como imperativo, “ide”, pois gramaticalmente ele toma emprestado do verbo principal essa característica.

### PALAVRAS-CHAVE

Grande Comissão; Missões; Discipulado; Ide; Imperativo; Particípio; Natureza da Missão.

### INTRODUÇÃO

O imperativo “*Ide*” de Jesus no texto da Grande Comissão em Mateus 28.19 tem sido substituído pelo gerúndio “*Indo*” em publicações mais recentes, trazendo implicações missiológicas importantes para a igreja.<sup>1</sup> Com a vog

---

\* Professor assistente de missões no CPAJ e pastor da Igreja Presbiteriana Metropolitana de Alphaville. Bacharel em Teologia pelo Seminário JMC e em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu. Mestre em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School e doutor em Estudos Interculturais pelo Reformed Theological Seminary.

<sup>1</sup> MARSHALL, Colin e PAYNE, Tony. *A Treliça e a Videira: A Mentalidade do Discipulado que Muda Tudo*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015. OAK, John Han Hum. *Chamada para Acordar o Leigo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. AMORESE, Rubem. *Fábrica de Missionários: Nem Leigos,*

missional ganhando destaque no evangelicalismo, o “*Ide*” cai em desuso, implicando um chamado não mais limitado ao vocacionado em missões, mas com uma aplicabilidade universal aos crentes comuns. Em outras palavras, todos os cristãos deveriam procurar fazer discípulos onde quer que estejam, sem a necessidade de intencionalmente ir até os perdidos. A justificativa e o embasamento por detrás dessa perspectiva estaria no verbo μαθητεύσατε (“faça discípulos”) conjugado no modo imperativo, fazendo deste o verbo principal que controla toda a sentença e tornando os demais verbos subordinados. Sendo assim, o “*Ide*” faria parte dos demais verbos no particípio grego na frase e a Grande Comissão seria reinterpretada como “*Faça discípulos*, indo, ensinando e batizando”.

Robert Culver já defendia esse tipo de exegese na década de 60, ironizando as pregações sobre Mateus 28.19 que buscavam despertar vocações nas igrejas.

A exposição comum, expressa em mil sermões missionários é algo assim: O primeiro passo em cumprir a grande comissão é ir – para aqueles que não ouviram, aos confins da terra. Se você não pode ir, o próximo passo é ajudar alguém a ir e orar por ele... É opinião deste autor que esse entendimento comum é ingênuo e em parte errôneo... A comissão é para fazer discípulos de qualquer nação assim como de todas as nações. Fazer discípulos na própria nação em que você vive. Você não precisa ir a algum lugar para realizar o projeto da grande comissão.<sup>2</sup>

A discussão fica ainda mais séria quando vemos exegetas e missiólogos renomados enfatizarem o “fazer discípulos” em detrimento do “*ide*”.<sup>3</sup> O artigo “Missões e sintaxe grega em Mateus 28.19”, de Carl Bosma, é útil para entender as quatro posições interpretativas existentes,<sup>4</sup> mas o presente artigo busca analisar as consequências do movimento missional com sua ênfase no discipulado.

---

Nem Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2008. BARROS, Wilson Tadeu. *Teologia da Missão*. Londrina, PR: Descoberta, 2003.

<sup>2</sup> CULVER, Robert D. What is the church’s commission: Some exegetical issues in Matthew 28:16-20. *Bibliotheca Sacra* 125, n. 499 (1968): 239-253, p. 243-244, 252. Esta posição foi rebatida com veemência por Cleon Rogers em “The Great Commission”, *Bibliotheca Sacra* 130 (1973): 258-267.

<sup>3</sup> MALINA, Bruce J. The Literary Structure and Form of Matt. XXVIII.16-20. *NTS* 17 (1970), p. 90; O’BRIEN, Peter T. The Great Commission of Matthew 28:18-20 – A Missionary Mandate or Not? *Evangelical Review of Theology* 2 (1978), p. 261 (artigo publicado antes no *Reformed Theological Review* 35 (1976): 66-71); KINGSBURY, Jack Dean. The Composition and Christology of Matt 28:16-20. *JBL* 93 (1974), p. 576. O’BRIEN, The Great Commission of Matthew 28:18-20, p. 254-267; e HENDRICKX, Herman. *Resurrection Narratives of the Synoptic Gospels*. Studies in the Synoptic Gospels. Londres: Geoffrey Chapman, 1978, p. 56. BOSCH, David J. The Structure of Mission: An Exposition of Matthew 28:16-20. In: SHENK, Wilbert R. (Org.). *Exploring Church Growth*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983, p. 230; idem. *Missão Transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 66.

<sup>4</sup> BOSMA, Carl J. Missões e sintaxe grega em Mateus 28.19. *Fides Reformata* XIV-1 (2009): 9-31.

## 1. O DISCÍPULADO E AS MISSÕES SÃO CONFLITANTES?

O discipulado está em voga nas igrejas e a nova onda após o crescimento numérico explosivo das igrejas em células tem sido focar no amadurecimento espiritual do indivíduo. Os programas de discipulado têm se multiplicado e grandes igrejas com estruturas pedagógicas bem elaboradas passaram a ganhar muita visibilidade.<sup>5</sup> Neste aqodamento, uma tensão até então inexistente entre discipulado e missões começa a ganhar força. Um desses métodos de discipulado traz:

De fato, o participio seria melhor traduzido por “quando você for” ou “à medida que você vai”. A comissão não é fundamentalmente sobre missões em algum lugar de outro país. É uma comissão que torna o fazer discípulos a agenda e a prioridade normal de cada igreja e de cada discípulo cristão.<sup>6</sup>

Até mesmo importantes missiológos como David Bosch abraçaram essa mudança de paradigma: “Três termos na ‘Grande Comissão’ resumem a essência da missão para Mateus: fazer discípulos, batizar, ensinar”.<sup>7</sup> Na literatura devocional não é incomum encontrar afirmações que replicam o mesmo paradigma. Um autor brasileiro diz: “Ainda que o ‘Ide’ tenha sido destacado, enfatizando a importância do deslocamento geográfico, o fato é que o único imperativo é o ‘fazei discípulos’. O ‘Ide’ deve também ser traduzido como gerúndio (‘indo’) porque não é imperativo”.<sup>8</sup>

Ao se afirmar que “fazer discípulos” é a essência da missão e que “ao enfatizar o verbo principal, nenhuma idéia de ‘ir’ precisa estar presente”,<sup>9</sup> isso é justamente o contrário do fundamento das missões.

## 2. O PARTICÍPIO NAS GRAMÁTICAS INTRODUTÓRIAS AO GREGO

Um dos motivos da interpretação equivocada de Mateus 28.19 está na limitação que as gramáticas introdutórias possuem em seu escopo. Apenas o uso adjetival e adverbial do participio são abordados nessas gramáticas, enquanto que o Novo Testamento traz outros usos que são tratados em gramáticas intermediárias ou avançadas. Geralmente o estudante comum dá por concluídos

<sup>5</sup> “9 Marks”, da Capitol Hill Baptist Church; “Life on Life”, da Perimeter Presbyterian Church; “A Chamada para acordar o Leigo (CAL)”, da Sarang Community Church; “Two ways to live”, da St. Matthias Church (A Treliça e a Videira).

<sup>6</sup> MARSHALL e PAYNE, *A treliça e a videira*, p. 19.

<sup>7</sup> BOSCH, *Missão transformadora*, p. 92.

<sup>8</sup> BARROS, Wilson Tadeu. *Teologia da Missão*, p. 19.

<sup>9</sup> MALINA. *The Literary Structure and Form of Matt*, p. 90.

os seus estudos do grego no nível básico, a não ser que busque se aprofundar por conta própria ou procure uma especialização.

Nos seminários teológicos brasileiros, o livro-texto mais utilizado nas aulas é a gramática *Noções do Grego Bíblico*, dos autores Lourenço Stelio Rega e Johannes Bergmann. Os autores tratam do assunto “A oração subordinada circunstancial” do particípio adverbial grego assim: “Descrevendo as circunstâncias em que é realizada a ação do verbo principal, um particípio pode ter vários sentidos: temporal, moral, causal, condicional, concessivo ou final”.<sup>10</sup> Uma informação importante é dada na mesma seção na observação nº 3, onde se diz: “O tempo usado para o verbo que traduz o particípio depende tanto do tempo do particípio quanto do tempo do verbo principal”.<sup>11</sup> A mesma ideia é reforçada no ponto 24.2:

O tempo verbal do particípio expressa apenas a qualidade da ação, sem ter significado temporal. Os detalhes temporais, i.e., o momento em que ocorre a ação expressa pelo particípio, devem ser deduzidos do contexto, principalmente da relação que o particípio guarda com o verbo principal, ao qual está subordinado.<sup>12</sup>

As informações gramaticais acima apontam para a direção correta, mas não desenvolvem mais o assunto. O estudante é levado a entender que a correta tradução do verbo particípio *πορευθέντες* é mesmo “indo”. Essa limitação não pode ser considerada uma falha das gramáticas introdutórias, mesmo porque são propriamente noções e introduções num primeiro contato com a língua.

### **2.1 A flexibilidade do particípio adverbial do aoristo**

Outra possível explicação para as diferentes interpretações está na flexibilidade do particípio adverbial do aoristo. William Mounce menciona um exemplo no texto de Atos 19.2. A pergunta que Paulo faz aos discípulos em Éfeso: *Εἰ πνεῦμα ἅγιον ἐλάβετε πιστεύσαντες* (“Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?”, ARA) é traduzida na versão King James Americana como “vocês receberam Espírito Santo depois de terem crido?” Os pentecostais utilizam essa interpretação, enquanto que os tradicionais afirmam a simultaneidade do ato. Qual a conclusão do autor?

É essencial reconhecer que ambas se baseiam em maneiras legítimas de entender o emprego do particípio adverbial do aoristo no grego coínê. Mesmo no seu contexto, é praticamente impossível preferir uma à outra, e as considerações teológicas geralmente determinam qual a interpretação a ser escolhida.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico*: gramática fundamental. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 225.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 226.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 235.

<sup>13</sup> MOUNCE, William D. *Fundamentos do grego bíblico*: livro de gramática. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009, p. 310.

O verbo no particípio aoristo πιστεύσαντες é usado adverbialmente pelo verbo principal ἐλάβετε, assim como πορευθέντες está subordinado a μαθητεύσατε em Mateus 28.19.

A regra básica que as gramáticas introdutórias trazem é um tanto genérica: “A ação expressa pelo particípio deve ser deduzida do contexto, principalmente da relação que o particípio guarda com o verbo principal”.<sup>14</sup> Isso é compreensível dado o propósito de introduzir o estudante nas estruturas gramaticais elementares do Coine. Mas mesmo aplicando essa regra básica teríamos base suficiente para afirmar que a melhor tradução é “quando creram”, pois o verbo principal ἐλάβετε expressa uma ação definida e pelo contexto Paulo se supreende com o fato de os discípulos de Éfeso não terem recebido o Espírito Santo no momento em que creram.

A característica da flexibilidade do particípio aoristo de πορευθέντες poderia levar a tradução para várias direções, como:

“Depois de terem ido”, fazei discípulos.

“Ao irem”, fazei discípulos.

“Tendo ido”, fazei discípulos.

“À medida que forem”, fazei discípulos.

“Quando forem”, fazei discípulos.

## 2.2 O particípio de circunstância atendida

O texto da Grande Comissão melhor se enquadra como um particípio de circunstância atendida. Ela faz parte de uma terceira categoria lado a lado com o uso adverbial mais comum e o uso adjetivo. A definição do seu uso é “comunicar uma ação que, em algum sentido, é coordenada com o verbo finito. Nesse respeito não é dependente porque é traduzido como um verbo. Ainda assim, é semanticamente dependente, porque não pode existir sem o verbo principal”.<sup>15</sup> É como se o verbo no particípio montasse no verbo principal assumindo o seu modo verbal.

De acordo com Daniel Wallace, existem cinco características peculiares ao particípio de circunstância atendida:

1. O tempo do particípio está no aoristo.
2. O tempo do verbo principal também está no aoristo.
3. O modo do verbo principal está no imperativo ou indicativo.
4. O particípio irá preceder o verbo principal – na ordem das palavras e no tempo do evento.

<sup>14</sup> REGA; BERGMANN. Noções do grego bíblico. p 235.

<sup>15</sup> WALLACE, Daniel B. *Greek grammar beyond the basics: an exegetical syntax of the new testament*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996, p. 640.

5. Participios de circunstância atendida ocorrem frequentemente em narrativas.<sup>16</sup>

Se observarmos o texto de Mateus 28.19, constataremos que a frase possui cada uma das cinco características listadas acima:

- (1) πορευθέντες é um participio no tempo aoristo.
- (2) μαθητεύσατε está no aoristo.
- (3) μαθητεύσατε está no modo imperativo.
- (4) πορευθέντες vem antes de μαθητεύσατε na oração.
- (5) A Grande Comissão no evangelho de Mateus faz parte do gênero narrativa.

A conclusão e comentário de Wallace é que:

Não existe um bom fundamento gramatical para dar ao participio uma mera ideia temporal. Tornar πορευθέντες num participio adverbial seria tornar a Grande Comissão numa Grande Sugestão. Virtualmente em todas as ocorrências na literatura narrativa do aoristo participio + o aoristo imperativo envolve um participio de circunstância atendida. Em Mateus em particular, toda outra ocorrência do aoristo participio de πορεύομαι seguido do verbo principal no aoristo (seja no indicativo ou imperativo) é claramente uma circunstância atendida.<sup>17</sup>

Vejamos outros exemplos de participios de circunstância atendida que aparecem no próprio evangelho de Mateus:

Mateus 2.13

Ἐγερθεὶς παράλαβε τὸ παιδίον καὶ τὴν μητέρα αὐτοῦ καὶ φεῦγε εἰς Αἴγυπτον,

**Levante-se**, tome o menino e a sua mãe e *fuja* para o Egito

Mateus 9.13

πορευθέντες δὲ μάθετε τί ἐστίν

**Ide**, porém, e *aprendei* o que significa

Mateus 9.18

Ἡ θυγάτηρ μου ἄρτι ἐτελεύτησεν: ἀλλὰ ἐλθὼν ἐπίθεε τὴν χεῖρά σου ἐπ' αὐτήν, καὶ ζήσεται.

<sup>16</sup> Ibid., p. 642.

<sup>17</sup> Ibid., p. 645.

Minha filha faleceu agora mesmo; mas **vem**, *impõe* a mão sobre ela, e viverá

Mateus 11.4

Πορευθέντες ἀπαγγείλατε Ἰωάννη ἃ ἀκούετε καὶ βλέπετε  
Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo

Mateus 17.27

πορευθεὶς εἰς θάλασσαν βάλε ἄγκιστρον  
vai ao mar, lança o anzol

Mateus 28.7

καὶ ταχὺ πορευθεῖσαι εἶπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ὅτι Ἠγέρθη ἀπὸ τῶν νεκρῶν,

**Ide**, pois, depressa e *dize* aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos

Nessas instâncias o participio ganha força imperativa, pois toma o aspecto do verbo principal assumindo a semântica do mesmo.

### 3. IDE COM FORÇA IMPERATIVA E SUAS IMPLICAÇÕES

“Embora continue verdade dizer que a principal força imperativa repousa em ‘fazei discípulos’, e não em ‘ide’, em um contexto que exige que esse ministério se estenda a ‘todas as nações’, é difícil acreditar que o ‘ide’ perdeu toda força imperativa”.<sup>18</sup> Uma vez estabelecido que *πορευθέντες* é um participio de circunstância atendida com força imperativa, podem ser levantadas outras implicações exegéticas importantes que afetam diretamente a prática missionária da igreja.

#### 3.1 Sentido de urgência

Na verdade, ao ser colocado no início da sentença, o “ide” traz uma ideia de prioridade e presteza, pois a função sintática de cada palavra no grego não é determinada pela ordem na frase como no português, e sim pela sua terminação. Em outras palavras, a ordem da palavra na frase segue critérios estilísticos e de ênfase.

Aqui o verbo “ir” (“ide”) está relacionado ao verbo principal, “discipular”. Os dois juntos se referem a uma só ação, ou seja, fazer discípulos. O “ide” serve como reforço à ação expressa em “fazei discípulos”, acrescentando um sentido

<sup>18</sup> CARSON, D. A. *The expositor's Bible commentary: with the New International Version*. Grand Rapids: Zondervan, p. 595.

de urgência. Poderíamos traduzir assim: “ide fazer discípulos”, ou numa forma mais coloquial: “vá fazer discípulos!”.<sup>19</sup>

A ideia de urgência trazida pela combinação do particípio aoristo com o imperativo aoristo é um recurso estilístico comum no Novo Testamento:

Particípios aoristos são postos junto a imperativos aoristos, eles adicionam **urgência** ao verbo principal. Um exemplo claro é a ordem secreta de Herodes aos magos em Mateus 2.8: πορευθέντες ἐξετάσατε ἀκριβῶς περὶ τοῦ παιδίου... Nesse exemplo, a cláusula introdutória no verso 8 (καὶ πέμψας αὐτοὺς εἰς Βηθλέεμ) indica que era necessário viajar e o verso 9 reporta que os magos foram (οἱ δὲ ἀκούσαντες τοῦ βασιλέως ἐπορεύθησαν). A segunda característica é que particípios aoristos postos junto a imperativos aoristos se referem a tarefas específicas necessárias ao cumprimento do imperativo. Por exemplo, no mandamento de Jesus aos discípulos em Mateus 21.2.<sup>20</sup>

Grant G. Osborne diz que “‘ide’ é um ato operativo, pois o povo de Deus não deveria mais ficar em Jerusalém e ser o tipo ‘mostrar e falar’ para as nações, mas eles deveriam ir e levar ativamente a mensagem às nações”.<sup>21</sup> Ele também acrescenta:

O particípio circunstancial “ide” seguido pelo verbo principal é um traço estilístico comum de Mateus e torna-se em efeito outro imperativo, “Ide e fazei discípulos”. De fato, os dois particípios que seguem (“batizando” e “ensinando”) são também circunstanciais e imperativos em força.<sup>22</sup>

### 3.2 Mobilidade escatológica

A ênfase injustificada no “fazer discípulos” aleija justamente o aspecto escatológico da teologia do texto que marca a chegada da pregação do evangelho a todas as nações como fora prometida aos profetas no Antigo Testamento (Sl 2; 9.11; 22.26-28; Is 2.3; 5.26; 49.6; Jr 31.10; Ez 36.22; Hq 2.14; Ml 1.10-11). A morte e especialmente a ressurreição do Messias rafiticam sua autoridade sobre as nações, comissionando com investidura real a sua igreja. Efésios 1.20-22 diz:

Ele exerceu esse poder em Cristo, *ressuscitando-o* dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nas regiões celestiais, *acima de todo* principado, potestade, poder, domínio e de todo nome que se possa mencionar, não só no presente

<sup>19</sup> CARRIKER, Timóteo. *A visão missionária na Bíblia: uma história de amor*. Viçosa, MG: Ultimato, 2005, p. 95.

<sup>20</sup> BOSMA, Missões e sintaxe grega em Mateus 28.19, p. 12.

<sup>21</sup> OSBORNE, Grant R. *Matthew*. Zondervan Exegetical Commentary on The New Testament. Grand Rapids, MI: Zondervan, p. 430.

<sup>22</sup> Ibid.

século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas debaixo dos pés de Cristo e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, *o deus à igreja*.

O autor escolheu o verbo grego *poreuthentes*, que significa “partir”, “deixar”, “cruzar fronteiras” – fronteiras sociológicas, raciais, culturais e geográficas. Esse aspecto é o mais importante para aquele que tem sobre si a tarefa de comunicar o evangelho... O verbo *poreuomai* nesse texto lembra à Igreja cristã primitiva o Jesus peripatético que com seus discípulos estava sempre cruzando fronteiras a fim de alcançar alguém.<sup>23</sup>

Se de alguma forma os profetas previam que as nações viriam em proclamação a Sião nos últimos dias (Is 2.3; 60.3; Jr 3.17; Mi 4.2; Zc 8.20-23), na ocasião do Pentecostes isso acontece quando “homens piedosos vindo de todas as nações debaixo do céu” (At 2.5) estavam reunidos em Jerusalém. A partir dali o evangelho vai ser levado por evangelistas e pela dispersão da igreja perseguida.

Nós devemos primeiro ler essa comissão em seu contexto histórico, não de uma perspectiva do leitor do final do século XX. Esses apóstolos da igreja prestes a ser inaugurada não se moveram de Jerusalém até depois do martírio de Estevão. A razão dessa reticência era em parte por causa do seu contexto judaico. Como judeus eles eram etnocêntricos em sua evangelização... Em muitos aspectos, o livro de Atos é uma narração detalhada de como esses apóstolos cumpriram a ordem de Mateus 28.19-20.<sup>24</sup>

A ordem de Jesus é endereçada não a indivíduos, mas à igreja como um todo. Ela tem a função de ensinar e batizar. Nesse aspecto, o movimento das igrejas missionais traz algo positivo resgatando o sacerdócio universal de todos os crentes. Mas é necessário entender que o escopo da missão não pode ser limitado apenas às pessoas que estão no convívio social de cada cristão, mas que o movimento de ir a fim de pregar aos que estão fora e longe é o ponto fundamental do verbo *poreuthentes*.

Os outros dois participios (*βαπτίζοντες*, *διδάσκοντες*) não devem ser tomados como circunstância atendida. Primeiro, eles não se encaixam no padrão normal de participio de circunstância atendida (eles estão no tempo presente e vêm depois do verbo principal). Segundo, eles fazem sentido como participios de meio, i.e., os meios pelos quais os discípulos fariam discípulos eram batizar e ensinar.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> VERKUYL, Johannes. “A Base Bíblica do Mandato Missionário Mundial”. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven; BRADFORD, Kevin. *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 80.

<sup>24</sup> WALLACE, *Greek grammar beyond the basics*, p. 645.

<sup>25</sup> Ibid.

### 3.3 *Ide pregai*

Não basta apenas ir, pois o “ide” não é um fim em si mesmo. A categoria “missionários de presença” que vão até lugares distantes e não pregam o evangelho é um contrassenso. Pregar é essencial e a missão jamais pode ser reduzida ao estar fisicamente presente num campo missionário para que o testemunho de vida fale por si só. A declaração de Francisco de Assis é teologicamente equivocada quando diz: “Pregue o evangelho em todo tempo. Se necessário use palavras”. “É a tarefa de chamar pessoas para seguir a Cristo, portanto, e não a ação de se deslocar que é importante. A obra missionária é a ação de trazer pessoas para Jesus, para o senhorio de Cristo, onde quer que estejam”.<sup>26</sup>

Pregar, fazer discípulos, testemunhar de Cristo são sinônimos nas passagens em que Cristo comissiona sua igreja para o “ide”. “Da perspectiva estratégica da missão, é importante lembrar que a Grande Comissão é preservada de diversas formas complementares, que, juntas, só podem ser frustradas com considerável ingenuidade exegética (e.g., Lc 24.45-49; Jo 20.21; At 1.8)”.<sup>27</sup> Nas palavras de Peter O’Brien:

Se “ir” não é enfatizado e “fazer discípulos” recebe a proeminência, então claramente isto se refere aos cristãos em geral. O termo “comissão missionária” ou “mandato missionário” limita sem necessidade o significado da frase. O termo “Grande Comissão” é apropriado, desde que entendido como uma referência a levar homens e mulheres a se submeterem a Jesus como Senhor, a se tornarem seus discípulos, onde quer que se encontrem.<sup>28</sup>

#### ABSTRACT

The verb *πορευθέντες* has always been translated as “go”, in the imperative, in many Bible versions. Recently this has been questioned, being substituted by “going” and generating fundamental missiological implications to the understanding of the Great Commission. This interpretation has been popularized by the proponents of discipleship ministries and by the missional church movement. The present article seeks to reiterate that the translators were right when accepting the participle *πορευθέντες* as the imperative “go”, for grammatically it borrows this characteristic from the main verb.

#### KEYWORDS

Great Commission; Missions; Discipleship; Go; Imperative; Participle; Nature of mission.

<sup>26</sup> CARRIKER, *A visão missionária na Bíblia*, p. 95.

<sup>27</sup> CARSON, *The Expositor's Bible commentary*, p. 595.

<sup>28</sup> O'BRIEN, P. T. Great commission of Matthew 28:18-20: a missionary mandate or not? *The Reformed Theological Review*, v. 35, n. 3 (1976), p. 66-78, p. 261.